

TOXICOMANIA E PSICOSE: UM ECO NO MITO *

Véra Motta

A TOXICOMANIA NO CAMPO DA PSICANÁLISE

A clínica da toxicomania tem procedido, com relação às suas investigações, quase sempre por aproximações. Se se considera, por um lado, a nosologia herdada pela psiquiatria e em vigência na psicanálise – neurose, psicose e perversão – e, por outro, o desenvolvimento dos estudos no campo, encontra-se o seguinte desdobramento.

Numa fase inicial, os teóricos da psicanálise pretenderam ver a prática toxicomaniaca numa “estrutura que seria aquela do perverso”¹, ou seja, equivalendo perversão a um certo uso perverso do fantasma. Nessa concepção, segundo J. Santiago², a droga ocuparia uma função de objeto *a*, como fonte de recuperação de gozo, de uso assimilável às vias do fantasma. Nesta perspectiva, o toxicômano faz-se instrumento do gozo do Outro.

A fase seguinte da teoria assenta-se, por sua vez, na proposição lacaniana segundo a qual a droga “é o que permite romper o casamento do sujeito com o pequeno pipi”³, cuja interpretação incide, muito justamente, com a idéia de uma ruptura fundamental com o gozo fálico. Amparados neste fundamento, os teóricos da psicanálise buscaram localizar a toxicomania no seio das manifestações atuais da neurose, verificando as incidências, no discurso da ciência, da imagem em crescente decadência do pai⁴.

Numa terceira fase, sincrônica à segunda, aparecem inúmeros relatos de experiências da clínica psicanalítica das toxicomanias, em que se advoga a tese da diversidade estrutural, ou seja, diferentes modalidades de recurso à droga para cada estrutura clínica⁵. Uma variedade de relações de sujeitos com a droga, em posições subjetivas que se podem determinar como neurótica, perversa ou psicótica, eis o que a clínica atual nos apresenta⁶.

Para concluir esta primeira observação, lembramos a advertência feita por Alvarez⁷, segundo a qual, na clínica da toxicomania, é bastante frequente a diluição da diferença

sexual daqueles que se consomem nessa prática, ou seja, deixa-se de perguntar, frente à posição sexual, qual a relação do sujeito com o objeto droga.

MITO E ESTRUTURA: *DICHTUNG UND WAHREIT*

A X Jornada do CETAD privilegia o sintagma Mito e Estrutura, a partir dos estudos realizados durante o ano de 1997, em que se tomou como tema a neurose obsessiva, verificando-se, em razão disso, o caso clínico do Homem dos Ratos, de Freud, passando pela leitura de *O mito individual do neurótico*, de Jacques Lacan, aos comentários feitos pelo mesmo Lacan sobre o mito, nos Seminários 4 e 17, respectivamente intitulados *A relação de objeto* e *O avesso da Psicanálise*. Dessas lições, gostaríamos de fixar uma definição que nos parece exemplar, posto que guarda, em si mesma, o germe de futuras elaborações do autor, embora date do longínquo ano de 1953.

“O mito é o que confere uma fórmula discursiva a qualquer coisa que não pode ser transmitida na definição da verdade, porque a definição da verdade não se pode apoiar em si mesma, e é enquanto a palavra progride que ela a constitui. A palavra não se pode apreender a si mesma, nem apreender o movimento de acesso à verdade, enquanto verdade objectiva. Ela apenas a pode exprimir – e isto, de um modo mítico”⁸.

Ora, esta definição surge quatro anos após a publicação do artigo de Lévi-Strauss, “A eficácia simbólica” e da obra *As estruturas elementares do parentesco*, o que possibilitará Lacan realizar sua leitura de Freud, segundo o método estrutural. Deve-se ressaltar que *O mito individual do neurótico* de Lacan precede em dois anos *A estrutura dos mitos* de Lévi-Strauss⁹.

Nessa definição ressalta-se, em primeiro lugar, o caráter de fórmula discursiva do mito, única forma pela qual o sujeito pode ascender à verdade, que não se deixa apreender por palavra alguma. Se acaso a exprime, o faz miticamente. Eis o que nos ensina a experiência psicanalítica.

Neste sentido, Lacan opera a leitura do Complexo de Édipo em seu valor de mito, assinalando, desde 1936, o caráter de ficção dessa invenção freudiana. “O sublime acaso do génio não explica talvez sozinho que isto aconteça em Viena – [...] que um filho do patriarcado judeu tenha imaginado o Complexo de Édipo”¹⁰.

Em 1957, em suas aulas do Seminário 4, Lacan irá estabelecer que o drama do Édipo é o pivô da castração, operação pela qual toda criança deverá assumir o falo como significante, fazendo dele o instrumento da ordem simbólica das trocas.

Em outras palavras, trata-se de verificar em que medida se realiza, na criança, a passagem da dialética imaginária do jogo intersubjetivo com a mãe em torno do falo, para o jogo, Simbólico, da castração na relação com o pai. A partir da experiência analítica de Freud com o pequeno Hans, Lacan procura isolar aquelas unidades elementares da construção mítica que têm função estrutural, e que ele designa, de acordo com Lévi-Strauss, de mitemas¹¹.

Nessa perspectiva, o que se privilegia é a função do pai. Já em 1970, nas aulas do Seminário 17, Lacan irá observar que o Édipo desempenha o papel do saber com pretensão de verdade, ocupando aquele lugar reservado ao mito¹².

O mito é um conteúdo manifesto, sentencia Lacan nesse seminário. Se a verdade só pode ser enunciada por um semidizer, resta que o mito recobre aquilo que o enigma vela. Nesse mesmo seminário, Lacan afirma que o mito do Édipo demonstra que o assassinato do pai é a condição do gozo. Mais além do mito de Édipo, reconhece a existência de um operador estrutural, o pai real, como agente da castração.

Por castração, entende Lacan a operação real introduzida pela incidência do significante, na relação do sexo, e é por isso que ela determina o pai como esse real impossível, pai real enquanto construção ou efeito de linguagem. Essa é a natureza do mito, nesse momento do seu ensino: a de um enunciado do impossível, para retomarmos a definição primeira, em que se estabelecia o caráter de fórmula discursiva.

Vemos, pois, que, se Freud imaginou o Complexo de Édipo, reduzindo-o a uma única referência, Lacan o reelabora sob forma de estrutura, extraindo dessa inferência o que ele chamou de mais-de-gozar. Já não se trata mais da elevação do agente da castração, mas do investimento do resto, do bloqueio de castração.

Quanto ao mito, afirma Lacan em 1973, em entrevista concedida à televisão francesa, é a tentativa de dar forma épica ao que se opera da estrutura. O impasse sexual, segundo ele, organiza as ficções, que racionalizam o impossível de onde ele provém. Não mais afirma que as ficções sejam imaginadas, como disse a propósito do Édipo freudiano, mas as vê como o convite ao real que responde por isso¹³.

Para finalizarmos essa segunda parte, retomemos o comentário feito por Lacan a respeito de Goethe e do episódio que envolve Frédérique Brion, amor de juventude. A pretexto de ir encontrar a família da moça, o jovem Goethe se serve de alguns disfarces que, mais que revelarem o malogro do expediente, atestam a impossibilidade da parada sexual em jogo, do impossível do encontro com o Outro sexo, confirmando não só a maldição sobre o sexo de que fala Freud em seu *O mal-estar na civilização*¹⁴, quanto a maldição lançada por Lucinde, a predecessora enamorada do poeta.

“Como o indica o título *Dichtung und Wahrheit*, Goethe teve consciência de que tinha o direito de organizar e harmonizar as suas recordações com ficções que lhe preencham as lacunas, que ele não tinha sem dúvida o poder de preencher de outra maneira”¹⁵.

É o que procuraremos verificar agora, a partir de fragmentos de um caso clínico.

UM MITO ECONÔMICO, OU UM ECO NO MITO

Paciente, 20 anos, 2º grau incompleto, sexo masculino, pai com 36 anos, vive com os avós paternos. Traz duas datas precisas: a do início do uso de drogas, motivado, segundo ele, pela leitura de um livro sobre drogas alucinógenas e depressoras, e outra data relacionada à perda da namorada. Veremos em que essas datas estabelecem uma conexão significativa na

existência desse sujeito. Ao mesmo tempo, comparece com a seguinte questão: “O que é que existe onde nada existe?”

Esse interrogante, posto na experiência, faz deslizar uma série de construções com as quais o sujeito pretende preencher o vazio da ausência de uma resposta. Encontra o saber médico como referência ordenadora: “Os benefícios da ordem são incontestáveis”, lembra Freud¹⁶. Atribui-se diagnóstico; refere a recensão de 1465 medicamentos, com suas respectivas composições e indicações terapêuticas; demanda hormônios cerebrais; investiga neurotransmissores; estabelece uma versão muito particular da Tabela Periódica, compondo-a de elementos retirados da Tabela existente e de outros, de sua lavra; identifica cada um dos viventes à sua volta com cada elemento da Tabela, selecionando a Valina, suposto neurotransmissor, para com ela se identificar, ele mesmo. É esta substância que, segundo concebe, confere percepção visual especial, sob o efeito de inalantes, especialmente da cola.

A cola faz entrada especial na sua lista ficcionada das substâncias psicoativas, que se oferecem como mitema: LSD, maconha, cola, experiências psicodélicas e alucinógenas.

Na experiência do Espaço de Convivência, o trabalho se intensifica: produz imaginariamente um medicamento à base de anfetamina, subscrevendo-o sob a insígnia de médico. Escreve peças de dramaturgia, designando uma delas de *Metamorfose*, e em que faz aparecimento um personagem chamado Justiceiro: este tem paixão por uma mulher que o corrompeu, assim se expressa o autor, e a partir do que tudo de ruim lhe acontece. Há uma Besta colada ao Justiceiro. A Mulher pertence a outro, é a Mulher do Mal. Demanda da instituição o lugar de objeto da ciência. Há um rato que passeia no seu cérebro, arranhando-o, e ele é também o rato da ciência.

Na experiência da cura, submete sua mãe, de quem diz jamais ter ouvido falar, a uma divisão: ela se apresenta sob várias identidades. Num escrito que dirige à analista, sentencia: “Minha privação materna primária afeta minha personalidade, favorecendo o uso da droga”. A mulher é uma referência não-toda: ela é sempre dupla, e, em uma de suas vertentes, é o que o impele à escrita. A queixa de impotência é o corolário dessa divisão. Correlativamente, expressa sua própria divisão não num duplo, mas num triplo, consoante

as funções que cada um deles exerce em relação à droga: experimentador um, censor outro, e um terceiro pesquisador. A este último, cabe a tarefa de criar “o novo homem”.

A necessidade de criar é, para ele, imperativa. Supõe da analista um julgamento dessas construções, a que denomina de “fantasmiosas”. Desenvolve um concepção do mundo sob o manto de uma teoria, que ele designa de SEAMPG, e que se converte, fonologicamente, em “Geosfinx”, cujo significado é: Todas as Coisas.

Postula, em seu ato de criação, a demanda do Outro: ele deve produzir “novas drogas” para a humanidade. “Sem a droga afetando meu corpo, todo trabalho é em vão”, afirma no seu escrito, e lamenta o tempo perdido e os anos de “trabalho científico” jogados fora.

As forças do Bem e do Mal realizam, no imaginário desse paciente, uma verdadeira rutura: de um lado, sua teoria do mundo é inspirada em Deus. Por outro, encontra sua origem, contada num rap, em uma das sessões, em Satanás, por quem foi orientado a viver no mundo, tendo sido, aos sete anos, desviado para o Bem. Seu ensinamento, iniciático, que lhe permite ingressar no mundo, conforma um escrito, um livro do saber, e cujo nome é para ele uma surpresa que a analista o desconheça: ECONOMICTO.

Economicto? Mito econômico? Eco no mito? Nome-eco? Essa indagação nos remete àquela de Damázio dos Siqueiras, jagunço até na espuma do bofe, vindo dos Gerais, à procura da única pessoa instruída na região que poderia tirá-lo da cisma que lhe fizera um certo homem do Governo, ao lhe dirigir aquela palavra: “Vosmecê agora me faça a boa obra de querer me ensinar o que é mesmo que é: *fasmisgerado... faz-me-gerado... falmisgeraldo... famílias-gerado?*”¹⁷

Ora, o que pretendemos estabelecer, aqui, como proposição para a abordagem psicanalítica das toxicomanias encontrará, por certo, objeções. Costuma-se dizer, entre os psicanalistas, que “a droga não passa pela palavra”. Certamente que sim, mas a existência dos sujeitos que se drogam, no mundo, vai além de uma prática, estando submetida à palavra. Perguntaríamos, com Lacan (1975): “Como sustentar uma hipótese como a do inconsciente – se não se vê que é a maneira que teve o sujeito, se é que há algum outro sujeito senão aquele que está dividido, por estar impregnado, poder-se-ia dizer, pela linguagem?”¹⁸

Em razão dessa tese é que verificamos, no pensar do nosso sujeito, as tentativas de ordenamento da droga, sob a forma de ficções científicas, outorgando-se, como tal, o título de médico, aquele que, bem lembrado por Lacan, exerce um uso ordenado, do ponto de vista do gozo, do que se convencionou chamar de tóxicos¹⁹. Por último, cabe assinalar a conexão droga-mulher, presente desde as primeiras entrevistas. Eis o que, necessariamente, cola. É dessa forma que nosso paciente procura se haver com o Outro do sexo. Na impossibilidade de alcançar aquilo que especifica o gozo da Mulher, ou ainda, de inscrever o impossível da relação sexual, nosso paciente ficciona. A Mulher segue sendo, nesse caso, uma ficção, um sonho do homem. Daí se poder dizer, nesse caso particular de toxicomania: sem a droga, não há sujeito.

“É possível a água subir e descer ao mesmo tempo?” “É possível bater palmas com uma mão só?”

Eis como o impossível, outro nome do real, fala.

* Trabalho apresentado na X Jornada do CETAD/UFBA, 1997 como Terapeuta da instituição. Uma versão modificada deste texto foi publicada sob o título “Metáfora da Paixão”, em TAVARES, L.A. et alii. *Drogas: tempos, lugares e olhares sobre seu consumo*. Salvador: EDUFBA; CETAD/UFBA, 2004, p. 161-165.

NOTAS E REFERÊNCIAS

¹ Essai pour une clinique psychanalytique. *Scilicet* 4. 1975,p. 105.

² SANTIAGO, Jésus. Introdução: Clínica da toxicomania e alcoolismo no Campo Freudiano. In: LECOEUR, Bernard. *O homem embriagado*; estudos psicanalíticos sobre toxicomania e alcoolismo. CMT-FHEMIG 1992.

³ LACAN, J. Clôture aux Journées d’Études des Cartels (1975). In: *Lettres de L’école freudienne de Paris*, 18. Paris, avril 1976, p. 268 (tradução livre).

⁴ SANTIAGO, J. El artificio de la droga... o metonimia de la muerte. *Sujeto, goce y modernidad* III: de la monotonía a la diversidad. Primera Jornada sobre toxicomania y

alcoholismo del Instituto Del Campo Freudiano. Paris, Julio 1994. Buenos Aires: Atuel – Tya, 1995, p. 74.

⁵ POLO, L. (rel.) El recurso a la droga en la diversidad clinica. *Sujeto, goce y modernidad III: de la monotonía a la diversidad*, *op. cit.*, p. 103 e s.

⁶ SINATRA, E. La existência Del goce y la del toxicomano. *Sujeto, goce y modernidad III: de la monotonía a la diversidad*, *op. cit.*, p. 109 e s.

⁷ ALVAREZ, J. M. (rel.) Toxicomania y pathos del discurso. *Sujeto, goce y modernidad III: de la monotonía a la diversidad*, *op. cit.*, p. 79 e s.

⁸ LACAN, J. *O mito individual do neurótico*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1980 (Pelas Bandas da Psicanálise/2), p. 49.

⁹ Ver Prefácio por Tito Cardoso e Cunha à obra *O mito individual do neurótico*, *op. cit.*, p. 11-44.

¹⁰ LACAN, J. *A família*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1981, p. 72-3.

¹¹ LACAN, J. *O seminário livro 4; a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

¹² LACAN, J. *O seminário livro 17; o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

¹³ LACAN, J. *Televisão*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993, p. 55.

¹⁴ FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização (1930). In: _____. *O futuro de uma ilusão, O mal-estar na civilização e outros trabalhos*, v. XXI, p. 75-171. Rio de Janeiro: Imago, 1974 (Edição Standard Brasileira das obras Psicológicas Completas).

¹⁵ LACAN, J. *O mito individual do neurótico*, *op. cit.*, p. 71-2.

¹⁶ FREUD, S. O mal-estar na civilização (1930), *op. cit.*, p. 113.

¹⁷ ROSA, João Guimarães. Famigerado. In: _____. *Primeiras estórias*, p. 9-13. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968, p. 11.

¹⁸ LACAN, J. Conferencia en Ginebra sobre el sintoma. In: _____. *Intervenciones y Textos 2*, p. 115-144. Buenos Aires: Manantial, 1993, p. 124 (tradução livre).

¹⁹ LACAN, J. Psicoanálisis y medicina (1996). In: _____. *Intervenciones y Textos 1*, p. 86-99. Buenos Aires: Manantial, 1985, p. 93.

